

UM OLHAR SOBRE AS EXPECTATIVAS CURRICULARES DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Priscylla Karollyne Gomes Dias (1); Karina Mirian da Cruz Valença Alves (2)

Universidade Federal de Pernambuco, priscylla.karollyne@hotmail.com (1)

Universidade Federal de Pernambuco, karinamirian@gmail.com (2)

Resumo: Este artigo é um recorte de uma pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso que teve como objetivo investigar as expectativas curriculares de estudantes do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de Recife (Pernambuco). O currículo foi aqui compreendido a partir de uma perspectiva discursiva do pós-estruturalismo, fazendo reverberar reflexões em torno dos limites da prática curricular na instituição de ensino. A aproximação com diferentes realidades de escolas do ensino da rede pública durante o curso de Pedagogia, através de estágios curriculares, possibilitou a formulação de algumas questões em torno da atuação de sujeitos no âmago da relação de ensino e de aprendizagem através da identificação da presença de saberes difusos e proeminentes. Neste sentido, a problemática da participação de estudantes na organização, projeção e referência curricular, fazem emergir as seguintes questões que orientaram esta pesquisa: Como o currículo abarca as diferentes expectativas estudantis? O que dizem os/as estudantes em torno do que gostariam de aprender na escola? Quais são as expectativas curriculares dos/as estudantes? De abordagem qualitativa e de objetivo exploratório, este estudo teve a participação de oito estudantes em torno da resposta à pergunta sobre o que gostariam de aprender na instituição de ensino em que estudam. O encontro com as crianças foi vivenciado a partir do desejo desta pesquisa de que as expectativas curriculares pudessem contribuir de maneira crítica e reflexiva para o debate em torno do currículo. Desta forma, o currículo se torna um catalisador de atividades docentes e pedagógicas, se constituindo como intervenção social a partir do olhar de crianças-estudantes. Perguntar sobre o que gostariam de aprender na escola corresponde à expectativa desta pesquisa de fazer pulsar, a partir de suas respostas, o nível das enunciações que legitimam papéis sociais e institucionais. O artigo é resultado de um exercício inicial de refletir as possibilidades de praticar o currículo contingencial, isto é, a partir das reflexões suscitadas pelo que dizem estudantes em torno de suas vontades de aprender.

Palavras-chave: Expectativas curriculares, Estudantes do ensino fundamental, Currículo, Currículo socialmente referenciado e participativo.

ESCOLA, EXPECTATIVAS E CURRÍCULO

A escola se constitui como uma projeção catalizadora de todo o potencial a ser vivenciado pelos sujeitos escolares através da proclamação de suas expectativas, seus desejos, encontros, desencontros e conflitos. O debate durante a formação no curso de graduação em Pedagogia fez eclodir reflexões sobre as articulações em que tais sujeitos escolares estão inseridos no desenvolvimento do trabalho docente e pedagógico. Nesse sentido, se torna contundente a defesa pelo interesse da escuta de estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental como uma possibilidade de tornar evidente a abertura para pensar e repensar as práticas e as projeções curriculares no campo do ensino e da aprendizagem.

A formação curricular dos sujeitos engendra o debate em torno do currículo como um campo multidirecionado, significando tanto como um território de disputas (ARROYO, 2013), quanto um documento de identidade (SILVA, 2013), ou como uma prática discursiva (LOPES e MACEDO, 2011), fazendo compreender também que diversas experiências e projetos de subjetivação perpassam o currículo da/na escola. Neste sentido, a escuta de estudantes que ainda estão na infância faz inserir as suas expectativas curriculares como compreensão de uma organização mínima quanto orientar o trabalho docente e pedagógico na escola.

A aproximação com diferentes realidades de escolas do ensino da rede pública durante o curso de Pedagogia, através de estágios curriculares, possibilitou a formulação de algumas questões em torno da atuação de sujeitos na relação de ensino e de aprendizagem a partir da proliferação de saberes difusos e proeminentes. Neste sentido, a problemática da participação de estudantes na organização, projeção e referência curricular faz emergir as seguintes questões que orientaram esta pesquisa: Como o currículo abarca as diferentes expectativas estudantis? O que dizem os/as estudantes em torno do que gostariam de aprender na escola? Quais são as expectativas curriculares dos/as estudantes?

As expectativas projetadas, referenciadas e vivenciadas do currículo pelos/as estudantes se inserem no desenvolvimento desta pesquisa a partir de um olhar que tem como contribuição os estudos pós-críticos, considerando o currículo da/na escola a partir de uma perspectiva pós-estrutural ou discursiva. Este artigo é um recorte de uma pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso¹ que teve como objetivo investigar as expectativas curriculares de estudantes do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de Recife (Pernambuco), perguntando aos/às estudantes o que gostariam de aprender na escola. Os/as estudantes que participaram da pesquisa estudavam, no ano de 2016, ano em que foi realizada a pesquisa, 4º ano e 5º ano do Ensino Fundamental.

Direcionar a pergunta a estudantes sobre o que gostariam de aprender na escola, correspondeu à expectativa desta pesquisa de fazer pulsar, a partir de suas respostas, uma extrapolação no nível das enunciações dos papéis sociais e institucionais legítimos em que estão inseridos os sujeitos através da ordenação discursiva escolar da qual fazem parte. Acreditamos que perguntar o que estudantes gostariam de aprender na escola diz respeito a como significam o currículo da escola. As expectativas dos/as estudantes revelam críticas ao trabalho docente e

¹ A pesquisa também ouviu professoras do 4º ano e do 5º ano do Ensino Fundamental, da mesma escola em que foi realizada a pesquisa com as crianças.

pedagógico instituídos como limites da atividade escolar. Esta pesquisa é resultado de um exercício inicial de refletir as possibilidades de preenchimento do currículo de maneira contingencial, como um conceito discursivo a partir das reflexões suscitadas do que dizem estudantes em torno de suas aprendizagens na escola. É resultado de um exercício inicial de refletir as possibilidades de praticar o currículo contingencial, isto é, a partir das reflexões suscitadas pelo que dizem estudantes em torno de suas vontades de aprender.

A produção de conhecimento na escola é permeada por relações de poder que configuram as relações sociais, e vice-versa (FOUCAULT, 2014). Na circularidade de saberes na escola perpassa a ideia de que algo dito e concebido como verdadeiro, tanto em dado período de tempo quanto em dado lugar, está envolvida por procedimentos de controle e de regularidade que envolvem a formação discursiva emergente na instituição de ensino escolar sobre o currículo. Significando que as relações de poder configuram as relações sociais, e vice-versa, a escola se torna um espaço em que diferentes identidades e culturas se entrelaçam, tornando híbridos os processos de construção de sentidos, fazendo com que o currículo signifique uma prática discursiva e cultural (LOPES e MACEDO, 2011). Neste sentido, tornar híbrido significa descentralizar o poder compreendendo “que todo centro é instável e fugidio; sujeito à disputa, no tempo e no espaço. De forma correlacionada, os contextos não são espaços dados, com fronteiras definidas, existentes no mundo, mas construções discursivas no/do mundo” (LOPES, 2015, p. 447). No que se refere ao contexto da escola pública, por exemplo, é importante “hibridizar, todavia, sem abrir mão de pensar a escola pública como um espaço político, ainda importante no cenário atual, na disputa ou negociação de projetos de sociedade nos limites do campo de possibilidades, ainda que contingenciais, em que eles são pensados” (GABRIEL, 2013, p. 240).

As decisões de âmbito educacional, escolar e educativo influenciam no trabalho docente e pedagógico a partir de concepções que não somente direcionam a atividade em sala de aula, como também demonstram funções e objetivos sociais da escola. Refletir a partir dos limites críticos do currículo consiste em fazer emergir possibilidades para a sua construção, olhando para dentro da escola e ouvindo os seus sujeitos. Assim como também faz considerar que as “diferentes negociações de sentidos produzem traduções no/do currículo” (LOPES, 2015, p. 460) nas implicações em torno da relação entre ensino e aprendizagem que comportam experiências a partir desescolarizados e não-institucionais.

As orientações curriculares oficiais são constituições de arquétipos em torno de diretrizes que englobam a atuação de estudantes e de docentes na escola. Neste sentido, investigar como estão

localizadas as expectativas de estudantes na organização, projeção e atuação do currículo revela indícios para compreender como os sujeitos atuam em possíveis transgressões do instituído, fazendo considerar uma análise em torno do trabalho desenvolvido, como também sugestões quanto à incorporação de outros sentidos que atuam na produção do currículo na/da escola. Em um processo de escuta dos sujeitos escolares, (re)conhecer a si e ao outro contribui para perceber as diferentes culturas e identidades que tornam a escola um local de disputa. A partir da instauração de uma “pedagogia do outro que reverbera permanentemente” (SKLIAR, 2010), diferenças localizadas no currículo se estendem a partir de um olhar cultural significando que o sujeito influencia a composição curricular ao mesmo tempo em que é também influenciado por ela (MACEDO, 2006).

No que se refere às contribuições teóricas para a realização desta pesquisa, as ideias apresentadas acima apontam para o desejo de tornar coletiva a análise aqui empreendida quanto ao que dizem as crianças. Desta forma, entendemos que os sujeitos dizendo sobre o que gostariam de aprender, também significam um currículo que seus pares também deveriam vivenciar. Uma pedagogia pós-crítica (SILVA, 2013) permite pensar o lugar da escola como espaço de formação política que considera conhecimentos e saberes híbridos em diferentes contextos da prática. Refletir sobre uma pedagogia pós-crítica no âmbito de uma sociedade contemporânea contribui para a possibilidade de compreender a escola e os conhecimentos que nela circulam como aspectos inseridos em dúvidas e incertezas. Tanto a função social da escola quanto o conhecimento legitimado por ela se localizam em uma discursividade que encontra fissuras, permitindo a emergência de ideias contrárias, constituintes e contraditórias. Sendo assim, um currículo pautado como prática discursiva, conforme indicam Lopes e Macedo (2013), permite compreender o campo de criação e de contestação em que poderá ser subvertido, desviado, contestado e/ou aceito na escola.

A escola pública, envolvida em disputas por diferentes projetos de sociedade, deve não somente considerar as expectativas curriculares de seus sujeitos escolares, como também compreender que estes sujeitos efetuem outras possibilidades de aprendizagens curriculares para além daquelas veiculadas na instituição de ensino. A escuta sobre o que estudantes gostariam de aprender na escola reafirma a importância de pautar uma discussão em torno da reverberação dos limites e das possibilidades da construção de um currículo contingencial e fragmentado, necessário ao projeto de subjetivação da escola no âmago da sociedade contemporânea.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza por uma abordagem qualitativa (LÜDKE e ANDRÉ, 2010) e sendo seu objetivo exploratório (GIL, 2006). Utilizamos a entrevista narrativa porque “com as marcas de cada sujeito, é possível encontrar nas narrativas as influências de processos coletivos vivenciados” (SILVA e PÁDUA, 2010, p. 112). A entrevista com essas características contribuiu para o mapeamento de alguns aspectos que influenciam o currículo como uma prática cultural e discursiva. Segundo Silva e Pádua (2010), em um período contemporâneo de incertezas a narrativa se constitui como vantagem a ser utilizada nas pesquisas, pois, no processo de comunicação com o outro, no que diz respeito às experiências vividas, quem narra seleciona o que mais importa, configurando uma espécie de sabedoria prática no momento de compartilhamento de saberes, histórias e de memórias. Sendo constituída por apenas uma questão gerativa, a entrevista narrativa proporcionou que os/as estudantes pudessem discorrer sobre as suas expectativas curriculares através da seguinte pergunta: “O que você gostaria de aprender na escola?”

Participaram desta pesquisa estudantes de faixa etária entre 9 e 13 anos de idade. Para a análise dos resultados, foram utilizadas as contribuições de alguns procedimentos e pressupostos da Análise de Discurso (ORLANDI, 2015), e das ideias de Michel Foucault em torno da configuração de uma formação discursiva (ALVES, 2009; FISCHER, 2001, 2013; FOUCAULT, 2014). A maioria das entrevistas foram registradas através de gravação de áudio e de anotações em caderno de campo. Durante o desenvolvimento da entrevista, algumas questões foram realizadas como forma de aprofundar as respostas dos/as estudantes à pergunta principal (questão gerativa). Cada entrevista foi realizada de forma individual. A seguir serão apresentados os resultados e as discussões em torno do que disseram os/estudantes em suas entrevistas. Em seguida, tecemos algumas considerações em torno do trabalho desenvolvido.

ENTREVISTAS COM OS/AS ESTUDANTES E O QUE GIRA EM TORNO DAS EXPECTATIVAS CURRICULARES

Diego (10 anos)² achou difícil responder o que gostaria de aprender na escola. O estudante se declarou tímido e, após longas pausas durante a entrevista, relata que gostaria de estudar Geometria alegando que foi a professora de sua turma (5º ano A) quem lhe informou que no próximo ano letivo (6º ano) eles/as (os/as estudantes) deveriam ter o conhecimento desse assunto. O estudante ainda considera que gostaria de aprender Educação Física, e justifica: “A gente também

² Os nomes dos/as estudantes neste trabalho são fictícios.

não brinca no recreio”. Ainda considera que pouca coisa queria aprender na escola, porque muitas coisas ele já sabe.

A Educação Física também aparece na entrevista com Valdemir (11 anos), que justifica como uma disciplina interessante, acrescentando o Futebol como uma atividade a ser aprendida na escola. Carol (13 anos) cita que gostaria de aprender Natação e justifica sua resposta dizendo que faz bem para a saúde e para o corpo. Entretanto, acredita que tal sugestão não poderá ser acatada devido à falta de infraestrutura física da escola, realizando a seguinte ponderação: “É claro que não pode ser Natação, porque aqui [na escola] é pequeno, né?!”. Camila (13 anos) relata em sua entrevista que gostaria de aprender Computação “Para aprender mais mexer no computador... essas coisas”. Complementa que antes a escola ofertava Computação, mas que agora não oferta mais. Para Paloma (11 anos) a escola já lhe ensina “muita coisa” e a estudante diz que “gosta” da escola em que estuda, não querendo melhorar nada nela. Também comenta sua vontade de usar mais vezes os livros da biblioteca. Assim como Camila, Paloma gostaria de aprender mais sobre Computação na escola, ressaltando como aspecto negativo o fato de sua turma não frequentar a sala de informática: “A gente só foi uma vez na [sala de] informática, que foi no ano passado, nesse não”.

Luana (10 anos) diz que gostaria de aprender na escola “como se comportar nos lugares”, relatando como justificativa o fato de sentir timidez quando frequenta os lugares. Quando questionada sobre o que mais gostaria de aprender na escola, responde “Matemática”, por considerar dificuldade em resolver questões-problemas. A dificuldade na aprendizagem em Matemática também aparece na entrevista de Maria Joyce (10 anos), que considera também que gostaria de aprender Ciências, justificando que “queria saber mais sobre o conhecimento”. Além de a estudante demonstrar apreço por essa disciplina, complementa que gostaria de aprender História, e justifica: “História fala sobre os negros e os índios. Porque a metade da minha família foi índio. Aí... a família do meu pai é tudo índio porque a minha bisavó foi uma índia. A minha tia, o meu tio... é tudo índio. Eu sou parente de índio. Por isso que eu quero saber mais de... História”.

Débora (9 anos) comenta que gostaria de aprender Matemática, Português, Ciências e também a desenhar na escola: “porque eu só sei desenhar vendo. Só sei copiar”. A estudante apresenta sua vontade de que na escola houvesse um dia voltado para que ela (a estudante) pudesse levar seus animais de estimação. Irene (11 anos) considera que gostaria de aprender mais sobre Artes como uma forma de diferenciar as atividades em sala de aula. A estudante tem apreço por



Matemática, História e os projetos que têm na escola (cita como exemplo o Projeto Nas Ondas de Leitura)³, mas aponta Artes como uma maneira de mudança no modelo de ensino.

Os significados atribuídos pelos/as estudantes ao currículo indicam que os conteúdos sugeridos por discentes não escapam à formulação das orientações curriculares de âmbito oficial. Entretanto, consideramos que cada criança empreende sentidos nas sugestões que apontam sobre/do/no currículo. É possível perceber que os/as estudantes reenviam suas expectativas ao campo de experiências vivenciadas e projetadas, localizando suas compreensões de currículo como uma mescla em torno do que vivenciam e do que esperam que seja vivenciado durante a prática curricular. As falas das crianças apontam para aspectos que denotam: referência de aprendizagem na escola e ao campo de orientações curriculares dos conteúdos instituídos; apreço pelos conteúdos ensinados na escola, como compreensão de que não gostariam de mudá-la; assim como a resignificação do currículo que já existe a partir de reflexões do percurso de suas próprias inserções na escola enquanto discentes.

#A dificuldade em torno de pensar e sugerir outras formas de aprendizagem na escola também pode dizer respeito a algumas compreensões: a não participação de sujeitos estudantis na configuração curricular pedagógica da escola e o receio de não conseguir atender a partir da resposta à pergunta realizada pela pesquisadora revelando as condições que envolvem as posições de hierarquia escolar (o sujeito que sabe, a pesquisadora; e o sujeito que não sabe, o/a estudante).

Alguns enunciados emergem a partir da regularidade das falas que fazem corpo à repetição de temas, conceitos, palavras e noções (ALVES, 2009) apresentadas nas entrevistas. Desta forma, realizamos um exercício de análise de perceber como essas falas se agrupam. A dificuldade em pensar o que gostariam de aprender na escola, por exemplo, revela uma compreensão de currículo como pertencente a um campo de planejamento realizado por outras instâncias institucionais e educacionais, não abarcando os sujeitos escolares. Neste âmbito de compreensão, alguns enunciados apontam para o fato de que o apreço por conteúdos ensinados na escola advém de um campo de realização de aprendizagem satisfatória. A partir das falas dos/as estudantes é possível perceber que o percurso escolar vivenciado é constituído de expectativas ora presentes nos parâmetros curriculares, ora ausentes de uma vivência prática em torno de suas vontades na escola, demonstrando o paradoxo da tentativa de manter um projeto curricular fixado que institui um conhecimento e uma cultura comum voltada para todos (LOPES, 2015).

³ O “Projeto Nas Ondas da Leitura” está em circulação nas escolas municipais de Recife (PE). Mais informações disponíveis em < <http://imeph.com.br/projeto/nasondasdaleitura/> > Acesso em 20 out 2017.

A ideia de que as crianças imprimem suas vivências escolares na significação do currículo fez eclodir as seguintes configurações de enunciados: o desejo de aprender educação física, natação e futebol se dá porque são “disciplinas interessantes” e fazem “bem para a saúde e para o corpo”; as crianças também gostariam de aprender computação porque “muita gente mexe em computador”; seria importante aprender “como se comportar nos lugares” devido a timidez interferir em um melhor desempenho social; seria bom que na escola houvesse “um dia voltado para a circulação dos animais de estimação”.

A conformação de um currículo inserido em uma ordem de discurso que já existe, o pedagógico, faz com que seja possível considerar que as indicações de estudantes dizem respeito a um campo difuso e híbrido em que se constitui a presença de diferentes significações, aspectos e elementos que inserem o currículo tanto em considerações de âmbito pessoal e de aprendizagem sobre a própria formação educacional em que estão inseridos os sujeitos, quanto em um eixo de avaliação e de sugestão do trabalho docente e pedagógico na escola como uma forma de considerar a ampliação dos processos educacionais como um aspecto social e coletivo. Na montagem de uma composição curricular a partir das expectativas das crianças, saber quais são as fissuras em torno do currículo da/na escola para a efetivação da construção de um currículo localizado faz considerar os limites amplos desta pesquisa.

Fazer reverberar as vozes de estudantes em torno da produção do conhecimento no campo dos estudos curriculares se constitui como o começo de um longo caminho a ser trilhado no que se refere ao desenvolvimento de políticas curriculares em prol da elaboração de um currículo contingencial que revela os processos de antagonismos e de conflitos pelos quais estão permeados o currículo na/da escola (LOPES, 2015). Acreditamos que as sugestões em torno da montagem curricular seja um dos caminhos possíveis para a emergência da configuração de uma nova formação discursiva em torno de um currículo contingencial que tenha como protagonismo os sujeitos escolares que fazem parte da relação entre ensinar e aprender.

CONSIDERAÇÕES (UMA PAUSA NA PESQUISA)

As reflexões sobre o currículo projetado/vivenciado/referenciado no ambiente escolar fazem reverberar sentidos que se aproximam e que se distanciam, localizando o currículo ao pertencimento de âmbito pessoal e de âmbito institucional. A ideia de que a escola oferta um tipo de ensino que é apreciado por estudantes faz com que ocorra também a possibilidade de que os/as estudantes possam localizar seus saberes apreendidos fora dela.

A experiência desta pesquisa exploratória indica que o currículo é um fenômeno ainda pouco discutido dentro da escola por estudantes (crianças), recebendo pouco estímulo para que opinem sobre temas e aspectos relacionados ao ambiente educativo e educacional de que fazem parte de modo a possibilitar uma transgressão do pensamento escolar. Os/as estudantes não consideram outros saberes para além daqueles já institucionalizados (distribuídos em disciplinas escolares), fazendo pensar a forma de como a legitimação de saberes provoca fragmentos e hierarquizações em torno da possibilidade-outra de conhecimento, de aprendizagem e de visão sobre o mundo.

É importante ressaltar que a entrevista com os/as estudantes se torna bastante importante devido a apreender reflexões em torno do que dizem sobre temas como conhecimento escolar, currículo e escola de modo a fazer compreender a forma como estão sendo vivenciados hoje na escola e como se articulam para possíveis mudanças. Não foi objetivo dessa pesquisa defender a constituição de um novo currículo a partir das expectativas curriculares de estudantes. Entretanto, pautamos a consideração de que a escola pública, envolvida em disputas por diferentes projetos de sociedade, deve considerar as expectativas dos sujeitos escolares como um projeto de currículo localizado e permeado pela contingência das relações sociais e culturais. O currículo contingencial se torna uma possibilidade transgressora que lança como convite os sujeitos pensarem sobre si mesmos e sobre os outros que atuam com eles em uma relação também contingencial. O papel social da escola se torna cada vez mais uma construção de sentidos que ressignificam o currículo, apresentando “usuários inventivos” que apresentam práticas alternativas curriculares ALVES (2004) e produzindo um currículo socialmente referenciado e participativo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Karina Mirian da Cruz Valença. Formação discursiva da plenitude em educação: uma arqueogenealogia das novas sensibilidades eco-pedagógicas. 2009. 270f. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

ALVES, Nilda. **Criar currículo no cotidiano**. São Paulo: Editora Cortez, 2004, 2ª ed. – Série cultura, memória e currículo, vol. 1)

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Rio de Janeiro: Petrópolis, Editora Vozes, 2013. 5ª ed.

BASÍLIO, Guilherme. O currículo local nas escolas moçambicanas: estratégias epistemológicas e metodológicas de construção de saberes locais. **Educação e Fronteiras Online**, Dourados, v. 2, n. 5, p. 79 – 97, maio-ago., 2012. Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php?journal=educacao&page=article&op=view&path%5B%5D=2149>>. Acesso em 04 abr 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso – aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 24ª ed. 2014 – (Leituras Filosóficas).

GABRIEL, Carmen Teresa. Conhecimento escolar, cultura e poder: desafios para o campo do currículo em “tempos pós”. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Multiculturalismo – diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Petrópolis, Editora Vozes, 10ª ed. 2013.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas. In: _____ **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 6ª ed. 2006.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância. In: _____ **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 5ª ed. 2013.

LOPES, Alice Casimiro. Por um currículo sem fundamentos. **Revista Linhas Críticas**. Distrito Federal: Brasília, v.21, n.45, p. 445-466, mai./ago. 2015. Disponível em: <periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/16735>. Acesso em: 20 abr 2016.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elisabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Editora Cortez, 1ª ed. 3ª reimp. 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: Editora E.P.U., 2ª ed. 2014.

MACEDO, Elisabeth. CURRÍCULO: Política, Cultura e Poder. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.2, pp.98-113, jul./dez., 2006. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss2articles/macedo.htm>. Acesso em: 11 abr 2016.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo, Campinas: Pontes Editores, 12ª ed. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade – uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 3ª ed. 4ª reimp. 2013.

SILVA, Santuza Amorim da.; PÁDUA, Karla Cunha. Explorando narrativas: algumas reflexões sobre suas possibilidades na pesquisa. In: CAMPOS, Regina Célia Passos Ribeiro de. (Org.). **Pesquisa, Educação e Formação humana – nos trilhos da História**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

SKLIAR, Carlos. A educação que se pergunta pelos outros: e se o outro não estivesse aqui? In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elisabeth. (Orgs.) **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Editora Cortez, 2010 – 3ª ed. – (Série cultura, memória e currículo, v. 2).